

## REDAÇÃO

### Instruções

A banca aceitará qualquer posicionamento ideológico.

A redação pode ser escrita a lápis.

Escreva com letra bem legível.

**Não ultrapasse** o número disponível de linhas.

**Para avaliar a redação, serão considerados, principalmente:**

- o conhecimento de fatos necessários ao desenvolvimento do texto; por exemplo, de História, Geografia e da realidade atual;
- a correta expressão em língua portuguesa;
- a clareza, a concisão, a coesão e a coerência;
- a capacidade de argumentar.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgados em setembro de 2008 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a taxa de fecundidade do país apresenta uma forte tendência de queda na história recente. Em 1960, essa taxa era de 6,3 filhos por mulher e, em 2006, chegou a 1,8 filho por mulher, fato que era esperado apenas para alguns anos mais tarde.

Como reflexo dessa queda, ocorreram algumas alterações na pirâmide etária brasileira: entre 1992 e 2007, as faixas etárias de 0 a 9 e de 10 a 17 anos reduziram-se, respectivamente, 6,2 e 3,3%. Por outro lado, as faixas etárias entre 40 e 60 anos e acima de 60 anos aumentaram, respectivamente, 6,1 e 2,7%.

Elabore uma redação reflexiva, considerando os fatores sociais, econômicos e culturais que podem ajudar a explicar esse fenômeno demográfico. Ao final, reflita sobre possíveis consequências, supondo que persista a tendência de queda no índice de fertilidade.

## COMENTÁRIO DO CPV SOBRE A PROVA DE REDAÇÃO

A prova de redação da FGV-ADM junho/2009 solicitou um texto dissertativo sobre a queda da taxa de fecundidade e seus efeitos na sociedade. Como base, a Banca Examinadora ofereceu um fragmento de texto que fazia referência aos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) a respeito da queda da taxa de fecundidade na recente história do Brasil.

Para a elaboração do texto, o candidato deveria considerar o recorte feito pela proposta:

- as causas desse fenômeno demográfico, considerando os fatores sociais, econômicos e culturais;
- suas possíveis consequências, supondo que persista a tendência de queda no índice de fertilidade.

Assim, caberia ressaltar que, no mundo contemporâneo, a taxa de fecundidade é o fator que mais influencia a taxa de crescimento populacional de um país, juntamente com a taxa de mortalidade e a migração. Quando a taxa de fecundidade de um país cai abaixo do patamar de 2,1, a população cresce em ritmo cada vez mais lento e, depois de duas ou três décadas, passa a diminuir de tamanho. Todos os países desenvolvidos, em algum ponto de sua trajetória, tiveram quedas expressivas em seus índices de natalidade. Na Europa Ocidental, as taxas de fecundidade são hoje iguais ou menores do que 2,1. A quantidade de crianças que as mulheres dão à luz tem impacto direto na economia e na sociedade de uma nação. São muitas as razões que levam os casais a ser mais propensos a formar famílias pequenas. A adesão das mulheres à competitividade no trabalho ou na vida acadêmica é certamente uma delas. O fato é que, hoje, só as nações muito pobres, como as da África Subsaariana e o Afeganistão, com renda per capita miserável, apresentam altas taxas de fecundidade e de crescimento populacional.

**TEMA DA FGV jun 2009**  
**=**  
**TEMA SIMULADO 4 CPV - FGV**  
**aplicado em 18 de abril de 2009 e**  
**revisado na última semana de aula**



Essa cultura da infecundidade gera, a curto prazo, uma melhora na qualidade de vida, uma vez que a porcentagem de crianças e idosos – que demandam mais investimento do Estado e, em tese, não produzem riqueza – passa a ser inferior. Com menor necessidade de gastos com escolas e hospitais, entre muitos outros itens relacionados à promoção do bem-estar de crianças e idosos, torna-se mais fácil para o governo fazer investimentos que produzam riqueza e acumular poupança. O mesmo vale para os cidadãos, que podem gastar menos com a educação das crianças e com o sustento e a saúde dos mais velhos. O resultado dessa equação é o aumento da renda *per capita*, conta que resulta da divisão de toda a riqueza produzida por um país pelo seu número de habitantes. Quando as riquezas de um país se multiplicam e a população se mantém numericamente estável, a economia adquire vitalidade, criam-se mais empregos e todos ficam mais ricos.

Entretanto, a longo prazo, levas de cidadãos que formam a força de trabalho passam para o contingente de idosos e não são substituídos, em virtude da baixa natalidade no país. O aumento da proporção de idosos na pirâmide populacional — somado à sua maior longevidade — passa a pesar nas contas públicas, principalmente na previdência social, e também no bolso dos cidadãos em idade produtiva. Esse processo ocorre atualmente em alguns países da Europa, nos quais uma pequena elevação na taxa de fecundidade seria bem-vinda. Na Itália e na Suécia, 25% da população tem mais de 60 anos. Nesses países, assim como na Alemanha e na Espanha, o governo tem políticas de incentivo à natalidade que incluem prêmios em dinheiro às mulheres que engravidam.

Recentemente, o papa Bento XVI lamentou a queda no número de nascimentos no continente:

"A Europa está infectada por uma estranha falta de apetite pelo futuro. As crianças são percebidas como uma ameaça ao presente".

Desse modo, o envelhecimento da população, com seus efeitos sobre economia, torna-se questão central nos países ricos a ponto de, na Europa, colocar-se em discussão a extensão da idade para aposentadoria.

No Brasil, observa-se a mesma tendência dos países europeus. Durante muito tempo, conviveu-se com uma ameaça nascida nos boletins dos censos demográficos. O rápido crescimento da população do país, que aumentou dez vezes entre o início e o fim do século XX, apontava para um futuro em que faltariam alimentos, moradia e infraestrutura para tanta gente. A bomba populacional foi um risco real para o Brasil. Foi ela que sustentou uma infinidade de apostas sombrias sobre o país. Sem que se prestasse muita atenção, porém, a bomba foi perdendo força à medida que um número cada vez maior de mulheres escolheu ter menos filhos. Essa tendência começou nos anos 70. Agora, quase quarenta anos depois, a bomba populacional acaba de ser oficialmente desativada. É uma grande notícia para os brasileiros.

A pesquisa feita pelo PNAD mostra que a taxa de fecundidade do país, ou seja, a quantidade de filhos que cada brasileira gera, em média, chegou a 1,8 – contra 6,3 nos anos 60. As consequências econômicas, sociais, culturais e políticas dessa mudança no tamanho da família brasileira só atualmente começam a ser medidas em toda a sua extensão. Com a taxa de fecundidade na casa de 1,8 filho por mulher, abre-se para o Brasil o que os especialistas chamam de janela de oportunidade demográfica.

Nos próximos trinta anos, com a queda gradual no número de nascimentos, o país terá uma proporção maior de pessoas em idade produtiva — entre 15 e 64 anos. Entretanto, no futuro, corre-se o mesmo risco de falta de mão de obra e sobrecarga de custos, observados nos países desenvolvidos.

**TEMA DA FGV jun 2009**

=

**TEMA SIMULADO 4 CPV - FGV  
aplicado em 18 de abril de 2009 e  
revisado na última semana de aula**